

O Jornalismo em Quadrinhos como Espaço e Aparência Pública: A Aparência Estética e sua Relação com os Fenômenos do Cotidiano¹

Júlio César Rocha Conceição²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG

RESUMO

Visamos compreender a estética do jornalismo em quadrinhos como um gesto de aparência e de produção de presença. Passamos pelo sentido de "público" e "privado" em Arendt (2016). Discorremos como o jornalismo contribuiu na instituição do espaço público, a partir de Aguiar & Barsotti (2016). Abordamos a experiência estética e processo metodológico em Gumbrecht (2010). O *corpus* é constituído por *Três mulheres da craco* de Ito (2022). No critério de análise, destacamos a proposta de Butler (2018) com "performatividade" e "precariedade". Como parte dos resultados de pesquisa apontamos que na reportagem o sujeito deixa de ser fonte e passa a ser a testemunha.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo em quadrinhos; aparência; precariedade e performatividade; presença; espaço público.

INTRODUÇÃO

Por encontrar no jornalismo em quadrinhos uma demanda proeminente de recontar histórias muitas vezes apagadas, ignoradas ou desconhecidas, iniciamos nossa discussão argumentativa, com vistas a problematizar o jornalismo em quadrinhos tanto como um campo promovedor de totalizações às experiências públicas contemporâneas, quanto, ao mesmo tempo, como um *lócus* que faz ressoar um conjunto dentre essas experiências - sintoma de um tempo presente que demanda, em sua própria atualidade, uma prática jornalística e um interesse público tonalizados por elementos ficcionais e imagéticos, em meio aos quais, um passado se anuncia, se pronuncia e se faz verbo. Neste lugar, o que a presença do jornalismo em quadrinhos nos contextos contemporâneos revela sobre demandas e expectativas não apenas em relação ao jornalismo, mas,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Literário, livro-reportagem e a produção de narrativas biográficas, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutorando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Unidade Frutal). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mails: julio.rocha@estudante.ufjf.br, julio.conceicao@uemg.br.

sobretudo, em relação a nossa própria presença na esfera pública? Que tipo de experiências, publicamente compartilhadas, atravessam e são atravessadas pelo jornalismo em quadrinhos, frente a uma atualidade pautada por desafios de compreensão, de leitura e de noticiabilidade de um real desafiado por tensões e conflitos? Tentamos compreender a própria estética do jornalismo em quadrinhos como um gesto de aparência para que futuros possíveis possam se mostrar. A escolha da reportagem em quadrinhos *Três mulheres da Craco*, se justifica pelo motivo de que a narrativa foi construída a partir de personagens e histórias reais afetadas violentamente em suas condições de existência, pela presença do texto jornalístico conjuntamente com ilustrações que representam não somente os indivíduos que vivenciam a Cracolândia, mas também seus cenários, ruas, calçadas, esquinas dentre outros espaços e porque a narrativa acaba produzindo emergências de contextos periferizados, evidenciando as dificuldades frente ao poder público e ao descaso da sociedade. Enveredamos nesse caminho por meio dos posicionamentos de Hannah Arendt (2016) pois os mesmos se tornaram essenciais para o desenvolvimento do jornalismo, não somente enquanto discussão da própria atividade do jornalista, mas também pelo comprometimento ético e moral que exige a pluralidade de opiniões na constituição dos espaços público e político concernentes ao mundo onde habitam os sujeitos. Como metodologia fazemos uso da noção de experiência estética formulada por Hans Ulrich Gumbrecht (2010) visando uma aproximação com os fenômenos do cotidiano. Como aporte dessa discussão e como critério de análise, destacamos a proposta de Judith Butler (2018) a partir dos termos "performatividade" e "precariedade" levando-se em conta a proposta do direito de aparecer como um enquadramento de coligação, que liga as minorias sexuais e de gênero às populações precárias de modo mais geral.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Arendt (2016) nomeia três atividades correspondentes às condições básicas de qualquer ser humano. Primeiramente, o labor, atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. A condição humana do labor é a própria vida. Em segundo, a obra (transcendente) (ou o trabalho), atividade correspondente à não-naturalidade [*unnaturalness*] da existência humana. A condição humana da obra é a mundanidade [*worldliness*]. Por último, a ação, atividade que corresponde à condição humana da

pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Arendt (2016, p. 61-62) apresenta o sentido do termo "público", como tudo aquilo que aparece em público, pode ser visto e ouvido por todos com a maior divulgação possível. Desse modo, a aparência constitui a realidade, pois, ela é aquilo que é visto e ouvido por nós mesmos e pelos outros. Assim, a intimidade de cada indivíduo, como os pensamentos e paixões, possuem uma existência obscura, exceto se verbalizadas, de modo que, assumam a característica de aparição pública. Essa pluralidade existencial não significa nenhuma vitória frente a quaisquer formas de precariedade, mesmo sendo articuladora de representações ímpares. O termo "privatidade", atualmente, não é pensado apenas como privação, tem como função principal o abrigo daquilo que é considerado íntimo, de modo que a esfera privada "foi descoberta não como o oposto da esfera política, mas da esfera social, com a qual é, portanto, mais próxima e autenticamente relacionada" (ARENDR, 2016, p. 47). Por tudo isso, cabe à ação, na perspectiva de Arendt, restituir a condição humana da pluralidade, a partir da produção de um espaço aberto potencialmente à diferença, com vistas à atualização do mundo comum. Tal espaço público, por esses termos, torna-se *locus* de emergência de um poder, tomado enquanto discurso e voltado ao convencimento público quanto às suas possibilidades de existência. De acordo com Aguiar e Barsotti (2016), os jornais ajudaram a construir o conceito de "público" do modo pelo qual tendemos a entendê-lo. Na era pré-capitalista, os pioneiros jornais atuaram como porta-vozes do Estado Moderno. Assim, as autoridades perceberam que a imprensa seria essencial aos seus interesses. Consoante os autores (2016, p. 197), esse moderno jornalismo anunciava que os jornais não deveriam servir aos políticos, mas sim aos leitores. De toda forma, a notícia era transformada em mercadoria, visto que, este jornalismo estava relacionado às mudanças econômicas e sociais daquele período, ou seja, vinculava-se ao surgimento de uma sociedade democrática de mercado junto à emergência de uma classe média urbana e sua vontade de igualdade social. A tradição literária, que precedeu a fase profissional do jornalismo, foi retomada nos anos 1960 pelo Novo Jornalismo, pelo qual o jornalista registrava suas observações pessoais em suas reportagens. De tal modo, nossa pesquisa permite selecionar e conhecer, por meio da construção de notícias, realidades escondidas que aparecem pela narrativa em quadrinhos, valorizando ações e debates fundamentais àquele espaço público. Para isso, realçamos o pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht (2010)

com o intuito de perceber a noção de experiência estética formulada por ele e a aproximação de uma relação com os fenômenos do cotidiano. Consoante Telles (1990) a realidade objetiva posta como evidência não pode ser reduzida a um fator lógico, nem mesmo subjetivo, pois, deve-se considerar a prevalência dos desafios do mundo comum. Diante de uma incerta experiência subjetiva e privada de pluralidade, os indivíduos confiarão em suas próprias subjetividades e, pelas quais poderão ser traídos ao passo que buscarão fazer de seus próprios objetivos e interesses marcadores para todas as coisas. Ter a experiência de uma vida inteiramente privada resulta na privação de coisas essenciais à vida humana: privar-se do fato de ser visto e ouvido pelos outros, ou seja, ligar-se e separar-se deles diante do mundo comum, e ainda, estar privado de realizar algo que possa transcender, além da própria vida. O mundo comum entre os homens é construído pelo espaço público, um mundo pensado sobre as diferenças, e não apenas o ordinário, de modo que, as experiências pessoais e subjetivas têm validade na vida privada e ali devem se manter resguardadas. Por fim, a pluralidade se encontra nessa ambiência textual onde encontramos a presença.

ANÁLISE

Três Mulheres da Craco relata a vivência de mulheres Cis e Trans da região da Cracolândia, em São Paulo, durante a pandemia de Covid-19. A narrativa discute as dificuldades impostas pelo preconceito e pela falta de itens básicos de sobrevivência, mas também sobre resistência e redes de apoio organizadas por mulheres. As múltiplas visadas que aparecem no espaço público propagado pela narrativa gráfica da reportagem em quadrinhos constituem, de certa forma, a condição humana do indivíduo diante da linguagem do apuro jornalístico, discurso e no testemunho dos fatos que emergem a partir das fontes entrevistadas. Carmen Lopes reside a poucas quadras do fluxo, área da Cracolândia que concentra a maioria do comércio de drogas, região que fica no centro de São Paulo. O lugar é conhecido por reunir um número expressivo de usuários de drogas, principalmente o *crack*. Todos os dias, ela caminha pela região até o teatro *Mungunzá*, sede do coletivo *Tem Sentimento*, que foi criado por ela com a intenção de ajudar mulheres cis e trans que vivem na Cracolândia. Conforme Carol Ito (2021), essas pessoas estão lá há vários anos e não perderam o território para o poder público e para a sociedade que tanto as criticam. Aqueles que não aparecem ou não podem aparecer diante das

normas estabelecidas pela hegemonia nos apresentam uma perspectiva para refletirmos sobre poder, atuação e resistência. Percebemos, intermediados pela narrativa gráfica, que as protagonistas da trama não aceitam as normas sexuais e de gênero que conferem quem pode ser ou não reconhecível. Constituem-se como um grupo que aspira sua legibilidade uns para os outros: "como eles são expostos a diferentes formas de viver a violência de gênero e como essa exposição comum pode se tornar a base para a resistência" (BUTLER, 2018, p. 36-37). A reunião de corpos, mesmo em silêncio, implicitamente está dizendo que não são descartáveis. Essa performance de corpos pode ser entendida como interdependência entre os indivíduos que vivem precariamente e também como resistência à falta de condições infraestruturais e de direitos por justiça que devem receber. Portanto, quando estão juntos, parece que tem mais força e menos medo da brutalidade social, como se estivessem protegidos de certas amarras (para não dizer torturas) da polícia, guarda municipal, agentes públicos, comerciantes, empresários e políticos que querem se livrar a todo custo daqueles que vivem na precariedade a favor do progresso. Para Butler (2018, p. 26) essa performatividade traz em seu bojo o exercício e a vontade de gozar o direito de aparecer. Portanto, a precariedade está cada vez mais óbvia, normalmente, o óbvio não é notado, a não aceitação do outro como ele aparece acarreta numa falta de inteligibilidade que expõe o outro a um risco mais elevado de assédio, violência e a questões patológicas. Conforme, Butler (2018) as normas de gênero estão relacionadas com o modo que se pode aparecer no espaço público, e de que maneira o espaço público e o privado se diferenciam, e ainda, como essa diferença é utilizada como instrumento a serviço da política sexual. Por fim, a permanência do corpo nivelado à necessidade não faz com que o indivíduo apareça, pelo contrário, a falta de alguma consideração política no espaço público diante dos critérios de liberdade não se corporifica.

RESULTADOS DE PESQUISA

Observamos que o testemunho aparece como parte da apuração, e a reportagem soa importante porque nela o sujeito deixa de ser fonte e passa a ser a testemunha. Neste lugar, muito antes do significar apenas “verdade”, o jornalismo apresenta algo que está acontecendo em algum lugar do mundo e cabe a nós, enquanto cidadãos, discutirmos dentro da pluralidade se aquilo é factual. Carol Ito exerce a função de jornalista que está

in loco apresentando questões que, normalmente, não são debatidas nas mídias tradicionais, ou seja, a mídia mostra, normalmente, o lado perverso da Cracolândia onde usuários de drogas aparecem como criminosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tal modo, podemos sentir que os testemunhos dados por *Três mulheres da Craco*, produzem presença na construção de um mundo comum e humano, de modo que, a reportagem em quadrinhos se veste de espaço público com a intenção de preservar as ações do esquecimento a partir de novas visadas e começos. As narrativas apresentadas tornam-se visíveis, nossas imaginações podem ir além do texto, a importância de cada indivíduo que vivencia a Cracolândia, de alguma forma, tende a ser notada no reconhecimento de sua singularidade. A experiência estética pode ser única ou grupal, ao acompanhar as ações que envolvem a população da Cracolândia pelo viés do jornalismo em quadrinhos, podemos imaginar os indivíduos com seus movimentos, falas, choros, risadas, gritos, dores, abandono, violência, sirenes e o corpo de alguém estendido no chão se misturando com os gritos, a êxtase, a felicidade, a rebeldia, a masculinidade, a feminilidade dos sujeitos que habitam, circulam e leem sobre a Cracolândia.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel e BARSOTTI, Adriana. **O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui é o agora**. Revista Mídia e Cotidiano. Número 10, dez. 2016.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. RJ: Contraponto, 2010.
- ITO, Carol. **Três mulheres da Craco. Uma reportagem ilustrada**. Edição 184, janeiro 2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tres-mulheres-da-craco/>> Acesso em: 24/04/2022.
- TELLES, Vera da Silva. **Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt**. Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, VOLUME 1(1), 1990. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/sshm6whMhgZSMk7tmQ8CsQx/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 21/04/2023.